

O Teosofista

Notas e Informações Sobre Teosofia e o Movimento Esotérico



Ano II - Número 23 - Abril de 2009 - Lutbr@terra.com.br
O Boletim Mensal do Website www.filosofiaesoterica.com

“A era da procrastinação, das meas medidas, dos expedientes que acalmam e confundem, dos adiamentos, está chegando ao fim. Em seu lugar, estamos chegando a um período de consequências.”

[Winston Churchill, citado por Al Gore em “O Ataque à Razão”, Ed. Manole, SP, 2007, ver p. 189]

000

A Conspiração da Dúvida

Por Que o Público Não Sabe
do Tamanho da Crise Ambiental

Al Gore

000

Al Gore é ex-vice-presidente dos EUA e ganhou o Prêmio Nobel da Paz por sua ação em defesa do equilíbrio ecológico em escala global. No texto a seguir ele mostra a conspiração criminosa de alto nível – envolvendo o governo do ex-presidente George W. Bush e companhias multinacionais – para que pouco ou nada seja feito em relação à crise ambiental causada pelo excesso de dióxido de carbono na atmosfera. A conspiração é internacional e está longe de ser vencida – como demonstra, por exemplo, a estranha omissão que há no Brasil diante do desafio criado pela mudança climática.

000

O risco ambiental estratégico mais bem conhecido e, de longe, o mais sério é a crise climática. Para mim, esta questão está em uma categoria especial, em função dos problemas que acarreta. Preocupo-me particularmente porque a grande maioria dos cientistas ambientais mais respeitados de todo o mundo fez soar um alarme claro e urgente. A comunidade internacional – incluindo os EUA – deu início a uma enorme iniciativa, há vários anos, para montar um levantamento

científico mais preciso com as evidências cada vez mais numerosas de que o ambiente da Terra está sofrendo danos severos e potencialmente irreparáveis decorrentes do acúmulo sem precedentes de poluentes na atmosfera.

Em essência, esses cientistas estão dizendo às pessoas de todas as nações que o aquecimento global causado pelas atividades humanas tornou-se uma séria ameaça ao nosso futuro comum e deve ser confrontado. (.....)

Apesar das claras evidências disponíveis ao nosso redor, existem muitas pessoas que continuam a acreditar que o aquecimento global não é problema coisa nenhuma. E não é para menos, porque são alvo de uma campanha enorme e muito bem organizada de desinformação, impulsionada pelo governo [do ex-presidente George Bush] e fartamente financiada por empresas poluidoras que estão determinadas a deter qualquer ação que reduza as emissões de gases que contribuem para o efeito estufa, que causa o aquecimento global, por medo de que seus lucros sejam afetados se precisarem parar de lançar tanta poluição na atmosfera.

Ideólogos de direita ricos se juntaram às empresas mais cínicas e irresponsáveis nos setores de petróleo, carvão e mineração para contribuir com grandes somas de dinheiro para financiar grupos de fachada pseudocientífica que têm como especialidade semear confusão sobre o aquecimento na mente do público. Publicam um “relatório” enganoso depois do outro, fingindo que existe discordância significativa dentro a comunidade científica em áreas em que, na verdade, há amplo consenso de base.

As técnicas empregadas foram usadas com êxito pela primeira vez anos antes, pela indústria do tabaco, em sua longa campanha para criar incerteza na mente do público a respeito dos problemas de saúde causados pelo fumo. De fato, alguns dos seguidores dessa cartilha que receberam dinheiro das empresas de tabaco durante aquela iniciativa agora estão sendo financiados por empresas de carvão e de petróleo em troca de sua disposição de dizer que o aquecimento global não é real.

No início de 2007, quando o novo relatório científico internacional do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas estava sendo divulgado, um desses grupos de fachada, financiado pela **ExxonMobil**, ofereceu dez mil dólares por cada pseudo-estudo ou dissertação que contestasse as descobertas da comunidade científica. Esta estratégia foi adotada por décadas pelas empresas mais poluidoras.

Em um memorando franco a respeito de estratégia política para líderes republicanos, o especialista em opinião pública Frank Luntz expressou preocupação de que os eleitores poderiam punir candidatos que apoiavam a poluição, mas ofereceu conselhos sobre a principal tática para desarmar a questão: “Se o público chegar a acreditar que as questões científicas estão definidas, suas opiniões a respeito do aquecimento global vão mudar de acordo com isso. Portanto, é necessário continuar fazendo com que a ausência de certeza científica seja um item fundamental no debate (...).”

No entanto, o governo Bush foi muito além das recomendações de Luntz.

No caso da crise global do clima, Bush menosprezou publicamente cientistas de seu próprio governo que redigiram relatórios oficiais ressaltando o perigo extremo que ameaça os EUA e o mundo. No lugar destes documentos, ele preferiu análises com profundas falhas, cheias de interesses particulares, financiadas pela maior empresa de petróleo do mundo, a **ExxonMobil**. Chegou até a censurar elementos de um relatório da Agência de Proteção Ambiental que falava do aquecimento global e mandar substituir parte do conteúdo do relatório oficial do governo por trechos do documento da ExxonMobil. As consequências de aceitar o conselho da ExxonMobil – de não fazer nada para conter o aquecimento global – são quase impensáveis.

A ExxonMobil teve influência especial sobre o (...) governo [de George W. Bush] e tem sido mais ativa que qualquer outra empresa poluidora em suas iniciativas descaradas para tentar manipular as percepções públicas da realidade e da seriedade da crise climática. Diversas organizações dedicadas à integridade científica apontaram o dedo para as práticas vergonhosas da ExxonMobil, mas, até agora, sem resultados.

A Sociedade Real – o equivalente no Reino Unido à Academia Nacional de Ciências dos EUA – renovou formalmente seu pedido para que a ExxonMobil parasse de disseminar ao público informações “imprecisas”, “que induzem a muitos erros”, que “não condizem” com o que se aceita na comunidade científica a respeito da crise climática. A Sociedade Real também solicitou à ExxonMobil que pare de pagar milhões de dólares por ano a organizações que “representam de maneira enganosa a ciência das mudanças climáticas, pela negação total das evidências de que os gases responsáveis pelo efeito estufa são responsáveis pelas alterações no clima, ou por exagerar a quantidade e a importância da incerteza relativa ao conhecimento, ou por transmitir uma impressão falsa a respeito dos impactos potenciais da mudança climática antropogênica.” [1]

Outra organização de cientistas, a norte-americana União de Cientistas Responsáveis (Union of Concerned Scientists, UCS) preparou um extenso relatório em 2006 mostrando que “a Exxon Mobil pagou quase 16 milhões de dólares entre 1998 e 2005 a uma rede de 43 empresas de defesa de causas que buscam confundir o público a respeito da ciência do aquecimento global.”

“A ExxonMobil produziu incerteza a respeito das causas humanas do aquecimento global, da mesma maneira que as empresas de tabaco negaram que seu produto causava câncer de pulmão”, disse Alden Meyer, diretor de estratégia e planos de ação da UCS. “Investimentos modestos, porém eficientes, permitiram que a gigante do petróleo alimentasse dúvidas a respeito do aquecimento global para postergar ações do governo, da mesma maneira que o tabaco fez por mais de quarenta anos.”

Dois senadores dos EUA, a republicana Olympia Snowe, do Maine, e o democrata Jay Rockefeller, da Virgínia Ocidental, também se uniram à iniciativa crescente de persuadir a ExxonMobil a se comportar de maneira ética. Os dois senadores disseram que ousada e descarada iniciativa da ExxonMobil para disseminar a ignorância e a confusão a respeito da crise climática “prejudicou a reputação dos EUA”. Dizendo que representação errônea que a ExxonMobil faz da ciência não é honesta, manifestaram-se contra “o extenso financiamento da Exxon Mobil a uma ‘câmara de eco’ de pseudociência que não conta com a aprovação de especialistas.”

O motivo que a Exxon Mobil tem para se envolver nessa iniciativa extraordinária e incansável de dissimulação em massa com certeza não tem mistério nenhum. No início de 2007, a empresa anunciou o maior lucro no ano anterior, 2006, de qualquer corporação da história do país.

NOTA:

[1] “Antropogênica”: causada pela civilização humana.

000000000000000000000000

O texto acima é um trecho da obra “**O Ataque à Razão**”, de Al Gore, Ed. Manole, SP, 2007, pp. 179-182. Veja os textos da seção “**Crise Climática e Mudança de Civilização**”, no website www.filosofiaesoterica.com. Sobre a relação entre as ideias de Al Gore e a filosofia esotérica, leia ali o artigo “Al Gore e a Tradição Esotérica”.

Para um estudo regular da filosofia teosófica original e uma introdução ao estudo da consciência planetária, escreva para lutbr@terra.com.br e pergunte como pode acompanhar o trabalho do e-grupo SerAtento.

O Outono das Estruturas Autoritárias

A revista **CartaCapital** datada de primeiro de abril descreve a situação atual do Vaticano como de crescente esvaziamento, à medida que a ultra-direita aumenta o seu poder nominal e burocrático. Com uma aliança mal-disfarçada que o une há décadas aos velhos setores pró-nazi, anti-semitas e anti-democráticos, o papa Joseph Ratzinger (Bento 16) divide e enfraquece a igreja – segundo a reportagem de dez páginas com chamada de capa. Uma reportagem publicada há algum tempo na mesma revista abordou as alianças do Vaticano com a máfia italiana e com outras formas de crime organizado.

A decadência do Vaticano – que se acelera à medida que todo o poder do seu mundo político cai nas mãos da ultra-direita – encontra um paralelo na situação crítica que a Sociedade Teosófica de Adyar vive hoje, com o impasse eleitoral, ético e institucional inaugurado internacionalmente no ano de 2008.

Velhas organizações "espirituais", burocratizadamente estruturadas de cima para baixo, vivem o seu outono. Novas maneiras de vivenciar o mundo espiritual surgem baseadas em estruturas permeáveis, abertas, transparentes, vivenciais – onde, sobretudo, o indivíduo é o centro do processo de aprendizagem.

A vida se renova, e isso é bom. O outono dos dogmas é a primavera da nova consciência planetária.

000000000000000000000000

“Se começamos a pensar corretamente, damos direção a aquela força espiritual que é a própria essência da nossa natureza”. [Robert Crosbie, em “**A Book of Quotations**”, p. 45.]

00000000000000000000000000000000

Como Aprender Com Eficiência

Segundo um velho ditado popular, “é errando que se aprende”. Mas isso não significa que basta errar para aprender. Embora os erros e a aprendizagem sejam inseparáveis, eles não estão sempre em proporção direta. No início da jornada, erra-se muito e aprende-se pouco. À medida que avançamos, nós começamos a aprender mais a partir de menos erros, e bastam erros menos sérios para tirarmos melhores lições. Mais tarde começamos a aprender com os erros dos outros.

Tanto individual como coletivamente, tudo é aprendizagem. Porém, o que liberta o processo da aprendizagem consciente é deixar de lado a fantasia da infalibilidade, tirar lições práticas dos fracassos, e valorizar os acertos.

Mas como vamos saber o que é certo e errado?

A resposta a esta pergunta crucial depende da meta e do método escolhidos. Para avaliar corretamente o que é erro e o que é acerto, é indispensável uma meta de vida consciente, clara e elevada. Aquele que tem objetivos centrados na cegueira instintiva do eu inferior considerará uma perda de tempo estudar filosofia. O correto no entender desta pessoa será “correr atrás do dinheiro para comprar aquele carro importado e mostrar aos vizinhos e colegas que somos pessoas de êxito”.

Portanto, em primeiro lugar, é preciso ter um objetivo de vida claro, definido e nobre, de modo que o grau de felicidade interior e realização pessoal não se meça pelo número de carros na garagem, de cartões de crédito, de notebooks e contas bancárias que se possui. Ao contrário: todos estes ícones do comercialismo sem alma correm o risco de ser obstáculos para a vida simples que anda junto com a felicidade. Em segundo lugar, é recomendável observar calmamente os erros desde o ponto de vista do ideal buscado, até localizar as alternativas que os erros trazem consigo mesmos. Porque todo problema contém em si a chave da sua solução.

“Evangelho de Judas” Justifica a Traição

Alguns setores da sociedade atual estão vivendo o que se pode chamar de “um eclipse parcial da ética”. Isso talvez explique o sucesso inicial de vendas do chamado “Evangelho de Judas”, publicado em 2006. A obra parece ser um êxito de propaganda armado em torno de algo sem conteúdo. Criou-se um clima mundial de expectativa com a descoberta do suposto Evangelho. Parecia uma grande revelação. Na verdade o texto é fragmentário, descontínuo, com numerosas linhas faltando aqui e ali. É vago e não tem em suas poucas páginas qualquer sentimento místico ou sabedoria perceptível. Além disso, não aborda de modo significativo o chamado mistério de Jesus, ou sequer a vida de Judas Iscariotes.

Estão de parabéns apenas os que fizeram o “marketing” deste texto que pouco ou nada significa. O que produziu a sua notoriedade foi a ideia criada pela mídia segundo a qual Judas estaria “agindo corretamente” ao trair seu Mestre. Esta ideia pode ser atraente para as mentes

superficiais. Afinal, o comercialismo cego da sociedade atual trabalha em inúmeros casos contra todo sentimento de ética. A lealdade do cidadão ao seu país, à natureza, aos animais, a lealdade em relação a seus familiares – tudo isso está “fora de moda” do ponto de vista da cegueira fabricada pela atitude consumista e materialista, e estimulada ao máximo pelos conglomerados financeiros que dominam a mídia convencional.

Deste ponto de vista, para pessoas destituídas de inteligência, pode ser algo adequado elogiar Judas Iscariotes e inocentar os atos de traição contra símbolos espirituais como a figura do mestre de Jesus na lenda do Novo Testamento. Que haja pessoas “notáveis” fazendo a apologia da deslealdade parece ser um sinal dos tempos – e do Carma.

Evidentemente, não faz qualquer sentido pensar que “a traição era necessária” e muito menos “desejada por Jesus”. Perseguição, traição e morte violenta, especialmente contra Iniciados, são fatos que produzem péssimo carma e atraem desgraças. Não existe qualquer justificativa para tais crimes.

Há pouco ou nada de útil no “Evangelho de Judas”, e a edição da “National Geographic” é lamentável.[1] O volume inclui uma coleção de comentários de estudiosos acadêmicos dizendo insignificâncias e insinuando que há alguma revelação – seja sobre Judas, seja sobre sua hipocrisia ou sobre qualquer coisa – na coleção de fragmentos. Ao examinar o livro, basta folhear rapidamente para perceber sua vacuidade. O “evangelho” ocupa apenas 26 páginas da edição brasileira de 186 pp., e nelas não se percebe a luz da sabedoria. Os quatro evangelhos do Novo Testamento, em compensação, são textos místicos de grande valor teosófico, em que brilham a sabedoria budista e os preceitos pitagóricos. Os quatro evangelhos do Novo Testamento ensinam a pura ética universal, budista, cristã e teosófica, e fazem bem à consciência de quem os lê.

NOTA:

[1] “O Evangelho de Judas”, Ed. National Geographic, São Paulo, 2006, 186 pp.

Uma Meditação Bergsoniana Sobre a Magia da Vida **A Duração Como Experiência Psicológica**

Henri Bergson

A existência de que estamos mais seguros e que conhecemos melhor é indiscutivelmente a nossa, porque de todos os outros objetos temos noções que podem ser consideradas externas e superficiais, enquanto percebemos a nós mesmos interiormente, profundamente. O que comprovamos, então? Qual é, neste caso privilegiado, o sentido preciso da palavra “existir”?

Em primeiro lugar, comprovo que passo de um estado a outro. Tenho frio ou calor, estou alegre ou triste, trabalho ou não faço nada, olho o que me rodeia ou penso em outra coisa. Sensações, sentimentos, volições, representações, tais são as modificações entre as quais se divide a minha

existência e que a colorem alternativamente. Eu mudo, portanto, sem cessar. Mas dizer isso não é o suficiente. A mudança é muito mais radical do que se pensaria num primeiro momento.

Com efeito, falo de cada um dos meus estados como se ele formasse um bloco. Digo, e com razão, que mudo, mas a mudança me parece estar na passagem de um estado para o estado seguinte: quero crer que cada estado, considerado isoladamente, segue sendo o que é durante todo o tempo que ele se produz. No entanto, um ligeiro esforço de atenção me revelaria que não há afeto, representação nem volição que não se modifique a todo momento; se um estado de alma deixasse de variar, a sua duração deixaria de transcorrer. Tomemos o mais permanente dos estados internos, a percepção visual de um objeto exterior imóvel. O objeto pode permanecer idêntico, e eu posso olhá-lo do mesmo lado, sob o mesmo ângulo, com a mesma luz: a visão que tenho dele não difere menos da que acabo de ter, no mínimo porque a visão envelheceu um instante. Aí está a minha memória, que insere algo deste passado, neste presente. Meu estado de alma, ao avançar pela rota do tempo, cresce continuamente com a duração que recolhe; ele faz, de certo modo, uma bola de neve consigo mesmo.

Com mais razão, isso ocorre nos estados mais profundamente interiores, sensações, afetos, desejos, etc., que não correspondem a um objeto exterior invariável, como é o caso de uma simples percepção visual. Mas é cômodo não prestar atenção a esta mudança ininterrupta, e notá-la só quando ela cresce o suficiente para imprimir ao corpo uma nova atitude, e à atenção uma direção nova. Neste preciso instante descobrimos que mudamos de estado. A verdade é que se muda sem cessar, e que o estado em si mesmo já é mudança.

Isto é, não há diferença essencial entre passar de um estado a outro e persistir no mesmo estado. Se o estado que “permanece idêntico” é mais variado do que se pode pensar, a recíproca é verdadeira; a passagem de um estado a outro é mais parecido do que se imagina com a permanência no mesmo estado: a transição é contínua. Mas precisamente porque fechamos os olhos para a incessante variação de cada estado psicológico, nos vemos obrigados, quando a variação se tornou tão considerável que se impõe à nossa atenção, a falar como se um novo estado se tivesse sobreposto ao anterior. Sobre este estado supomos que por sua vez permanecerá invariável, e assim consecutiva e indefinidamente.

A aparente continuidade da vida psicológica tem como base, pois, o fato de que nossa atenção se fixa sobre ela mediante uma série de atos descontínuos: ali onde não há mais que uma suave rampa, ao seguir a linha quebrada dos nossos atos de atenção, cremos perceber os degraus de uma escada. É verdade que nossa vida psicológica está cheia de imprevistos. Surgem mil incidentes que parecem romper com o que lhes precede, sem por isso vincularem-se ao que vem depois deles. Mas a descontinuidade das suas aparições se destaca sobre a continuidade de um fundo sobre o qual se desenham e ao qual se devem os próprios intervalos que os separam: são os golpes de tambor que estalam de vez em quando na sinfonia. Nossa atenção se fixa neles porque eles lhe interessam mais, mas cada um deles é levado pela massa fluida da nossa existência psicológica completa.

Cada um deles não é mais que o ponto melhor iluminado de uma zona instável que compreende tudo quanto sentimos, pensamos, queremos, tudo quanto somos em última instância, em determinado momento.

É esta zona inteira que em realidade constitui nosso estado. Dos estados assim definidos, é possível dizer que não são elementos diferentes. Eles são continuação uns dos outros em uma trajetória sem fim.

0000000000000000000000

O texto acima foi traduzido de “Memória y Vida”, Henri Bergson, Ediciones Altaya, Barcelona, 165 pp., 1995, pp. 7 a 9. A obra de Henri Bergson (1859-1941) tem estreitas relações com a obra do filósofo clássico Plotino.

00000000000000000000000000000000

A Lei da Justiça Ensina Mais do Que Pune **O Carma é Inseparável da Compaixão**

Os fatos pouco agradáveis que de tempos em tempos ocorrem na vida de todos não são obra do acaso. Há toda uma cadeia de ações e reações por trás deles, assim como também ocorre no caso dos fatos agradáveis. Nada é por acaso no universo, e tudo aponta para o caminho da sabedoria.

O carma é feito, portanto, muito mais de lições do que de prêmios ou punições. Não há algum “deus” vingativo ou protetor interessado em punir ou privilegiar pessoas. Há lições que devem ser aprendidas para que os seres avancem evolutivamente. E há uma Lei do Equilíbrio, uma Lei da Justiça, da qual emanam lições, sejam elas amargas ou doces.

Devemos perceber também que nem sempre o carma desagradável é colheita do que foi plantado pelo indivíduo que o recebe. O sofrimento de alguém pode ser, e é frequentemente, um plantio novo e equivocado que está sendo feito ou foi feito antes por outrem. O sofrimento também pode ser o surgimento do carma coletivo de um modo que o indivíduo é, enquanto indivíduo, inocente. Por exemplo, todo aspirante à sabedoria universal deve inevitavelmente desafiar e enfrentar como se fosse seu o carma acumulado de ignorância humana. Assim, é possível e é frequente colher o que não se plantou; e haverá compensação por isso, é claro.

É importante que evitemos a ilusão de pensar no carma como um castigo. Também é falta de discernimento catalogar as vítimas de injustiças como culpadas pelo seu próprio sofrimento. Neste caso cairíamos na tese nazista segundo a qual “a culpa é da vítima” e “vale a lei darwinista dos mais aptos”.

Os desinformados pensam que, “devido à lei do carma”, se alguém sofre um ato de violência, é porque está “pagando algum erro do passado”. Esta afirmativa é de uma covardia intelectual de grande porte. O fato é que aquele que comete a injustiça está plantando mau carma para si. Um erro não justifica outro, e ainda que alguém tenha cometido injustiça em vida anterior, isto não justifica uma injustiça contra ela na vida atual. O carma não funciona como lei do talião, na base do olho por olho e dente por dente, exceto quando há uma completa ausência de sabedoria.

Temos um bom exemplo disso no sistema penal brasileiro. Para certos crimes menores, o condenado presta serviços comunitários e é condenado a trabalhar para o bem comum – como carma de ter cometido um pequeno crime. E fica livre da pena de reclusão.

Na mesma linha, se fôssemos punir judicialmente os políticos e administradores públicos que roubam o dinheiro do povo, o que deveríamos fazer do ponto de vista da lei do carma? Não seria eficiente colocá-los nas celas do atual sistema penitenciário. Os maus administradores públicos deveriam ser condenados, isto sim, a viver pobremente e com um salário modesto, trabalhando em serviços comunitários. Neste caso eles permaneceriam livres – sob liberdade condicional – para que pudessem aprender a sua lição de modo saudável. As fortunas roubadas, é claro, deveriam ir para projetos de bem-estar social, sendo devolvidas ao povo que eles prejudicaram enquanto traíam a Nação. Mas o desafio ético da lei não é promover uma “vingança” contra os criminosos – políticos ou não. A meta é recuperar, em suas consciências, o sentido de ética interior que perderam, e cuja perda os reduziu à condição de seres humanos incompletos.

Do mesmo modo, aquele que mata não deve ser morto. Aquele que mente, não deve pagar o carma ouvindo mentiras. E aquele que é injusto, não deve sofrer injustiças. A lei do carma não é uma lei de vingança. Toda vingança é uma grave distorção da lei do carma. A lei do carma é a lei da compaixão, que é inseparável da lei da justiça. A compaixão ocorre através da justiça.

Se tudo o que ocorre de desagradável às pessoas fosse sempre carmicamente merecido, então nossa humanidade já teria alcançado a perfeição, porque seu sofrimento tem sido contínuo. Mas ocorre que há mau carma novo sendo gerado todos os dias; e este carma de ignorância é plantado através de injustiças. Assim, metade ou mais do sofrimento humano não é merecido nem é inevitável, e pode ser eliminado através da solidariedade e da compaixão com discernimento.

Talvez não possamos ajudar a todos os que sofrem. Esta é uma questão diferente. Mas não devemos pensar que tudo o que ocorre de sofrimento a alguém é necessariamente algo que a pessoa merece. Longe disso. O que lemos na Carta 88 de “Cartas dos Mahatmas” é, ao contrário, que nenhum sofrimento ficará sem compensação; que a natureza tem um antídoto para cada veneno, e a cada derrota corresponderá uma vitória.

É verdade que “cada homem é absolutamente seu próprio legislador, dispensador da glória ou da desgraça para si mesmo”. Mas é pela ação fraterna que se abre o caminho para a libertação. Por isso é potencialmente uma bênção a oportunidade que todo indivíduo tem de ser ativamente solidário. É um privilégio confrontar os mecanismos de ignorância espiritual organizada que provocam sofrimento no mundo atual.

Naturalmente, devemos optar por combater a causa, e não apenas os efeitos do sofrimento.

A origem da dor humana está nas diversas formas de ignorância ética e espiritual, e a teosofia ensina a plantar as bases da sabedoria. Mas a atitude solidária com os que sofrem é indispensável, porque todo sofrimento ocorre sob a lei do carma, mas nem todo ele é necessário ou merecido.

A Lei do carma não justifica, por exemplo, as crueldades contra os judeus nos últimos 2000 anos, ou contra negros e indígenas nos últimos 500 anos. A lei do carma não justifica a destruição das florestas. Ela não justifica o sofrimento dos palestinos. Não justifica roubos, assaltos e violência. A lei do carma não justifica a omissão diante do sofrimento humano, porque a omissão é uma forma de ação, e é também uma decisão carmicamente responsável.

A lei do carma apenas estabelece que cada ação errada será substituída – não pelo erro igual e contrário (lei do talião) – mas pela ação correta correspondente, segundo a lei da fraternidade, que é a nota-chave superior da lei da justiça no reino humano.

As Três Verdades Absolutas

Trecho de um Livro Clássico da Literatura Teosófica

Há três verdades que são absolutas e não podem ser perdidas, mas podem permanecer em silêncio por falta de palavras.

A alma humana é imortal, e o seu futuro é o futuro de algo cujo crescimento e esplendor não têm limites.

O princípio que dá vida está dentro e fora de nós; ele não morre e é eternamente benéfico. Ele não é visto nem ouvido, nem cheirado, mas é percebido pelo homem que deseja a percepção.

Cada homem é absolutamente seu próprio legislador, dispensador da glória ou da desgraça para si mesmo; e decreta sua própria vida, sua recompensa, sua punição.

Estas verdades, que são tão grandes quanto a própria vida, são simples com a mente do mais simples dos homens. Alimente os famintos com elas.

[Traduzido de “The Idyll of the of the White Lotus”, de Mabel Collins, Quest Books, 1974, 142 pp., ver página 114. Há uma edição brasileira sob o título de “O Idílio do Lótus Branco” (Ed. Pensamento, SP.]

000

William Judge escreveu: “Adote a ideia de que em alguma parte da sua consciência existe um desejo de ser útil ao mundo. Compreenda intelectualmente que o mundo não está excessivamente bem, e é provável que necessite uma ajuda. Reconheça mentalmente que mais cedo ou mais tarde você deverá tentar trabalhar pelo bem do mundo. Admita para si mesmo que outra parte da sua natureza – e se possível veja que é a parte inferior – é completamente

